



INVERSÃO TÉRMICA¹

Carlos Roberto Santos Araujo Filho²

Marcelo Lopes Abreu³

Universidade Presbiteriana Mackenzie, SP

RESUMO

Ao retornar de uma rápida viagem na Argentina, o autor relembra alguns momentos felizes enquanto ele esteve na cidade de Buenos Aires e, ao mesmo tempo, mostra o seu descontentamento com a volta ao Brasil. Tal raiva aumenta quando ele encontra uma pequena nota de dois pesos no bolso de uma calça. Assim como a ira e a angústia do autor aumenta, o humor e algumas pequenas subversões também se expandem durante a crônica.

PALAVRAS-CHAVE: Argentina; nota; câmbio.

INTRODUÇÃO

O texto “Inversão térmica” foi escrito no mês de maio de 2007, para a revista laboratório “Paradoxos” daquele semestre. Inicialmente a pauta proposta pelo professor Marcelo Lopes tinha o intuito de apenas acompanhar e, de certa maneira, ilustrar uma entrevista realizada com o diretor de cinema Heitor Dhália, que estava com um filme em cartaz na época, “O cheiro do ralo”. O veículo tinha como tema “Conexões”. Em razão de a película trabalhar bastante a questão da identidade e dos objetos, a crônica foi feita para dialogar com essas características.

¹Trabalho submetido ao XXXI Expocom, na categoria Produto B2.3, modalidade processo, como representante da Região Sudeste.

²Estudante do 8 semestre do Curso de Jornalismo da UPM, email: carlosmadeinbahia@Hotmail.com.

³Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da UPM, email: profmarcelopes@mackenzie.com.br



Outro aspecto importantíssimo é a misantropia do narrador-personagem, remetendo ao “sangue frio” de Lourenço (interpretado por Selton Mello), o protagonista do filme “O cheiro do ralo”. “Inversão térmica” começa como um relato de viagem, mas muda o seu foco quando o autor encontra uma nota de dois pesos no bolso de uma calça. Ele fica bastante incomodado com a presença inesperada, pensa em se livrar dela, mas nunca realiza o ato, seja por sentimento de culpa quanto ao fato de desperdiçar dinheiro, seja por preguiça. No final, ele acaba percebendo que ela representa também a falta de sensibilidade que se instaurou na sua vida. Quanto às questões narrativas, o texto começa como uma crônica e uma conversa franca com o leitor comum, mas no meio acaba se revelando como uma carta aberta à cédula.

A partir desse traço na personalidade dele, há a inversão térmica do título: enquanto o autor se vê insensível e solitário, a nota de dois pesos começa a receber tratamento humano.

Embora possa parecer um pouco pretensioso dialogar com um filme que fizera um relativo sucesso circuito brasileiro e que conquistara tantos prêmios, a crônica “Inversão térmica” tenta dar uma nova dimensão à entrevista, que seguiu um caminho burocrático, com respostas sempre prontas e parecidas.

Além disso, alguns fatos realmente ocorreram com o autor, especialmente no que se relaciona à viagem à Argentina e à nota de dois pesos encontrada no bolso de uma calça. As lembranças ainda estavam “frescas” e isso poderia fazer com que saísse uma crônica original repleta de pequenos detalhes.

A linguagem do livro também influenciou bastante as características estéticas da crônica “Inversão térmica”. Com muito humor negro, frases curtas diretas (que remete à literatura noir) e cenas que não apareceram na adaptação cinematográfica, mas que possuem tremenda importância, servindo de fonte e uma forma melhor de compreender aquele mundo.

O texto também trabalha entre o limite da crônica e do conto, sempre travestida como uma carta aberta. A mistura de diálogo com imaginação, de acontecimentos reais com suposições e de vida humana se desumanizando com objetos inanimados ganhando humanidade, dentre outros fatores, proporcionam essa pequena releitura e subversão de gêneros.

A crônica segue o tom do filme, como uma maneira de estabelecer um diálogo. O humor preza por um estilo muito seco e a narrativa utiliza bastantes flashbacks e fluxos de consciência, para que ocorra mais interatividade.



Ter um filme como base inicial deu mais poderio de imaginação ao texto. Ele poderia e teria que apelar bastante para as imagens. Além disso, o livro foi escrito por um desenhista, que acabou passando essa inspiração ao texto.

O fato de grande parte da crônica se inspirar na Argentina coincide com o gosto do autor por alguns autores desta terra, especialmente Julio Cortázar. O livro “Histórias de cronópios e de famas” mostrou uma forma criativa de escrever sobre assuntos corriqueiros, sem medo de ver o que há de mais fantástico num fato ordinário.

Outro autor que se mostrou bastante importante foi o autor Edgar Allan Poe, principalmente no fim deste texto. Muitos contos dele mostram pessoas de boa família e aparentemente bens na sociedade, mas que carregam consigo crimes e/ou culpas que o atormentam.



OBJETIVO

- Discutir a solidão do homem moderno;
- Falar sobre a misantropia consciente de muitas pessoas;
- Trabalhar com a ambigüidade. O texto vai se revelando aos poucos, e há sempre um suspense, sendo o principal quanto ao destino da cédula que conseguiu “escapar” da Argentina e se infiltrar no Brasil;
- Compreender a mente de uma pessoa que, a partir da perda dos seus valores humanos, perdeu a vontade de interagir e se comunicar com os seus semelhantes;
- Brincar com estilos de textos e com a cultura pop, seja nos signos referidos, seja na narrativa, sempre ágil e versátil;
- Questionar sobre as pessoas que estão sempre em fuga (ou de local, ou de gostos, ou de personalidade etc.), mas carregam consigo os seus problemas e medos;
- Em termos literários e em um plano mais amplo, discutir as diferenças entre a ficção e a não-ficção, neste caso tendo os gêneros do conto literário e da crônica os seus referenciais;
- Trabalhar com o jornalismo, quanto ao relato dos mais simples detalhes;
- Relacionando-se com o filme, dialogar com as principais características presentes.



JUSTIFICATIVA

A revista-laboratório Paradoxos se diferencia por trabalhar com o contraponto, o distinto, a pluralidade etc. Tendo isso em vista, a crônica se encaixa perfeitamente nas propostas da revista, em momento alguma destoando desta.

Pela sua carga “rebelde” e irreverente (sem nunca cair no sensacionalismo), a revista presta pelo bom humor, por um olhar peculiar, sempre tendo como ponto de partida o jornalismo feito no Brasil.

Por sinal, esse lado jornalístico (vínculo com a atualidade, interesse público, veracidade, proximidade etc.) é o que a move, mesmo que utilizando recursos artísticos que podem ser confundidos com puramente ficcionais.

A crônica, embora flerte com outros gêneros literários, baseia-se em um fato real, e o que aparece com uma pitada mais fantasiosa pode ser visto e diferenciado pelo leitor, justamente pelo seu caráter surreal.

A revista “Paradoxo” não segue uma linha tradicional. Para cada edição, ela escolhe um tema. No caso dessa edição, as conexões. Essa liberdade fez com que o autor pudesse se arriscar no que se refere à transitoriedade de um texto em várias vertentes, sendo a primordial a crônica.

O fato também de ter uma diagramação diferenciada serve para que esse tipo de texto revele-se de fato apenas no meio. Como a revista-laboratório já tinha esse estilo, a crônica podia muito bem seguir à risca.

O diálogo entre si das matérias, entrevistas, charges e crônicas, dentre outros estilos, também é primordial. Como “Conexões” é o tema da edição, “Inversão térmica” dialoga não apenas com a entrevista cedida por Heitor Dhália, mas com as outras publicações.

O fato das edições serem semestrais também é bastante importante, pois dá uma vida longa à “Inversão térmica”, o que é bastante positivo, pois dá um tempo de vida bem longa para um texto literário. Ao mesmo tempo, a entrevista com Dhália perde força, pois ela carrega consigo um pouco de urgência. Já a crônica, se ela consegue se “manter” é porque o tempo legitimou as suas supostas qualidades.



Por outro lado, o desafio de conseguir a sua autenticidade e autonomia, mesmo tendo o filme como base motor, faz com que ele ganhe um desafio à parte.

MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

A crônica foi feita um pouco em cima da hora, e por isso foi feito diretamente no computador. A primeira versão foi muito mais crua, mas aos poucos começou a ganhar mais nuances, especialmente quando pequenos püdores foram deixados de lado.

A questão de o fato ter realmente acontecido serviu como apoio também, especialmente porque algumas imagens da viagem foram gravadas numa filmadora.

O estilo flerta com o fantástico, por dois motivos principais: a literatura argentina, especialmente de Julio Cortázar e de Adolfo Bioy Casares, além da sempre referência Jorge Luis Borges; outra razão é porque o filme (e o livro) também tem um tom cômico e exagerado, mas tendendo mais para a vertente da cultura pop e das literaturas mais urbanas.

O texto teve muitos cortes e adições. A forma já veio pronta: primeiro, seria o personagem já em São Paulo e a descoberta da nota de dois pesos; depois, as lembranças dele ainda vivas na mente; por fim, ele dialogando diretamente com a sua algoz. Essa estrutura não-linear daria muito ritmo à narrativa.



DESCRIÇÃO DO PRODUTO

A crônica começa como um verdadeiro desabafo do autor. Primeiramente, o texto começa nostálgico e o leitor apenas contempla tudo o que foi escrito (sim, o leitor está sempre distante no começo). Mas logo percebe-se que na verdade o cronista não estava conversando sozinho, ou em algum monólogo, ou redigindo algo para o público ler, e sim um diálogo aberto com a nota de dois pesos. Curiosamente é nessa hora que o leitor fica mais envolvido no texto, mais próximo, pois ele é mais do que um observador. O leitor agora é *voyeur*. O leitor agora está não lendo, mas observando uma briga em que apenas um ataca.



CONSIDERAÇÕES

O texto consegue, em muitos aspectos, realizar os planos almejados, sendo o principal o de dialogar com vários gêneros literários.

Quanto ao restante, é até difícil falar, pois depende muito do leitor. Cada um sentirá o texto de uma maneira, dando possíveis sentidos à crônica.



REFERÊNCIAS

CORTÁZAR, J. Histórias de cronópios e de famas. São Paulo. Ed. RCB, 1994.